

O Funcionamento dos Planos Discursivos em Textos Narrativos e Opinativos: Um Estudo da Atuação do Domínio Aspectual

THE FUNCTIONING OF THE DISCURSIVE PLANS IN NARRATIVE AND
OPINIONATED TEXTS: A STUDY OF THE ASPECTUAL DOMAIN ROLE

Andréia Silva **ARAUJO***
Raquel Meister Ko **FREITAG ****

Resumo: Analisamos o funcionamento do plano discursivo fundo em textos narrativos e opinativos com foco na categoria aspecto. Utilizamos como *corpus* 32 produções textuais do *Banco de Dados de Escrita – textos opinativos e narrativos*. Os resultados quantitativos sugerem que a distinção entre figura e fundo no texto opinativo não é influenciada pelo traço aspectual e que não é possível estabelecer gradualidade nos tipos de fundo, como ocorre na narrativa.
Palavras-Chave: Fundo. Aspecto. Textos narrativos e opinativos.

Abstract: In this study we analyze the behavior of background in narrative and opinion texts with attention at aspectual features effects. We used as a corpus 32 textual productions of the written database - opinion and narrative texts. The quantitative results suggest that the distinction between foreground

* Graduada em Letras-Português pela Universidade Federal de Sergipe. Mestranda em Letras pela Universidade Federal de Sergipe. Bolsista FAPITEC – Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe. Contato: andreialuzinete@hotmail.com

** Graduada em Letras-Português pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre e doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de Sergipe. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq nível 2. Contato: rkofreitag@uol.com.br

and background in opinion text is not affected by aspectual features and do not have gradualism as in narrative texts.

Key-Words: Foreground. Aspect. Texts narrative and opinion.

Introdução¹

Na perspectiva funcionalista cognitivista (GIVÓN, 2011, 1995, 2001; BYBEE, 2010; entre outros), a comunicação humana se dá em função das ações (experiências), que envolvem participantes e contextos não homogêneos. Para nos comunicar, procuramos organizar o nosso discurso de forma que o nosso interlocutor possa compreender o que está sendo dito e, conseqüentemente, atinjamos os nossos propósitos comunicativos. Fazemos isto ao marcarmos linguisticamente os segmentos que consideramos como principais, colocando-os em evidência em relação aos que consideramos como secundários de acordo com a nossa percepção. Esta priorização discursiva é denominada de planos discursivos, com a marcação de figura e fundo, os quais estão fortemente associados à estrutura narrativa.

Segundo Hopper (1979), a narrativa é organizada em dois planos distintos – figura e fundo – e complementares. O primeiro plano corresponde à parte que apresenta os eventos ordenados numa seqüência temporal fazendo com que a história avance. Trata-se dos eventos indispensáveis para a narrativa. Já o segundo apresenta descrições de estados, explicações, elaborações, comentário avaliativo, etc. e que contextualizam as ações de figura, ajudando a compô-la com mais nitidez.

O estabelecimento dos planos de figura e fundo é, por alguns autores, associado ao tempo, ao aspecto ou ao modo. Benveniste (1976) e Weinrich (1968), por exemplo, apontam a distinção entre estes planos como função do tempo e utilizam, respectivamente, os termos “discurso” e “história”; “comentário” e “narração” para a relação entre as partes do discurso que

¹ Este texto apresenta desdobramentos do trabalho de conclusão de curso “O funcionamento dos planos discursivos em textos narrativos e opinativos: um estudo da atuação do domínio aspectual” (ARAUJO, 2011), vinculado ao projeto “Variação na expressão do tempo passado: funções e formas concorrentes” (FAPITEC/Proc. 019.203.00910/2009-0/CNPq/Proc. 401564/2010-0).

estamos denominando de figura e fundo. Segundo Travaglia (1999, p. 79), “o estabelecimento do contraste entre figura e fundo no texto é função do aspecto verbal (cf. Hopper (1982) para o malaio; Li e Thompson (1982) para o mandarim; Rafferty (1982) para o indonésio e Travaglia (1991) para o português)”. Martelotta (1986; 1998) sugere a atuação dos traços aspectuais perfectividade [+/- perfectivo], pontualidade [+/- pontual], cinese [+/- cinético] e especificidade [+/- específico] no estabelecimento dos planos discursivos na narrativa: os traços positivos estão correlacionados à figura e os traços negativos ao fundo. É a partir desta última visão que desenvolvemos o presente estudo sobre o funcionamento dos planos discursivos, focando textos narrativos e opinativos.

A correlação entre a categoria aspecto e os planos discursivos tem sido estudada em textos narrativos (HOPPER; THOMPSON, 1980; NASCIMENTO, 2009; CAMPOS; GALEMBECK, 1994; entre outros), mas não em textos opinativos. Assim, questionamos: i) se no texto narrativo é possível fazer essa correlação, será que podemos estendê-la para o texto opinativo?; e ii) quais formas verbais do português são características no plano de fundo nos tipos textuais sob análise? Para responder a tais questionamentos, analisamos 32 textos do *Banco de Dados de Escrita: textos opinativos e narrativos* (CAAE - 0302.0.107.000-11), que constituíram 614 orações dos planos discursivos figura e fundo, distribuídas quanto ao tipo de texto, formas verbais e traços aspectuais.

1 Figura e Fundo e o Aspecto Verbal

Segundo Givón (2011, p. 141), os planos discursivos figura e fundo são estratégias perceptuais/conceituais que refletem a forma como os humanos percebem e interpretam o universo. O autor ressalta que as noções de figura e fundo são um princípio geral da percepção e cognição humana no qual o sistema de comunicação e processamento de informação é fundado. Nos termos de Givón (2011, p. 2070 – grifos do autor),

Nosso sistema de comunicação é, então, fundado no mesmo princípio geral que subjaz nossa percepção e construção de nosso universo, a saber, que a continuidade, a inércia, nenhuma mudança, a familiaridade é o fundo que não precisa ser relatado, que pode ser ignorado. Nesse fundo, as propriedades e os eventos se *sobressaem*; constituem uma *mudança* na inércia, constituem *informação*.

Givón diferencia figura e fundo partindo daquilo que está em inércia e do que está em mudança. A inércia corresponde ao fundo, pois não há mudança. Já a figura corresponde à quebra da inércia, ou seja, há um movimento, uma mudança.

A noção de figura e fundo é advinda da teoria Gestalt, oriunda da Psicologia do século XX, com os estudos sobre a percepção cognitiva no campo visual (cf. HOPPER, 1979), e tem sido aplicada à Linguística, contribuindo para os estudos sobre a organização do discurso.

Os planos discursivos têm sido aplicados à narrativa. A partir desta noção, é possível identificar o que o falante considera como central ou periférico ao organizar o seu discurso. Na narrativa, aquilo que é tido como central corresponde à parte do texto que apresenta os eventos ordenados numa sequência temporal fazendo com que a história avance. Trata-se, geralmente, de eventos pontuais, afirmativos, concluídos, *realis*, desencadeados por um agente, que constitui a comunicação central, caracterizados pela sequencialidade (CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2003, p. 39). Já a parte periférica refere-se ao fundo, em que se tem a apresentação de descrições de estados, explicações, elaborações, comentários avaliativos, etc. O fundo corresponde à parte do texto em que são expressas as informações que dão suporte às orações de figura. É o fundo que dá as características ao evento, funcionando como um cenário para que a ação ocorra, mas que não faz a história avançar. Dizemos que a figura é o esqueleto do texto, estando, assim, em primeiro plano (informação principal) e o fundo é a moldura, o segundo plano (informação secundária) (cf. HOPPER, 1979).

(1) *A escolha do curso que faço, foi baseada em uma indicação de uma professora do ensino médio. Ela dizia que a área da informática era muito boa e como eu gosto da área acabei por prestar vestibular para sistema de informação. No começo do curso eu achava uma maravilha, mas com o passar dos tempos, fui percebendo que não era isso que eu queria (...).* (fns72)²

² A sigla identifica o informante (número ao final) quanto ao sexo (masc. = m; fem. = f), tipo de texto em função do comando (opinitivo = o; narrativo = n), escolaridade (1º EM = p; 2º EM = d; 3º EM = t; nível superior = s). A sintaxe e a ortografia das produções textuais foram mantidas como no original.

Em (1), os eventos estão organizados em uma sequência temporal linear, reportando a ordem em que ocorreram no mundo. As informações destacadas são eventos que fazem com que haja uma progressão na história, constituindo-se, assim, como figura. Já as situações de fundo, informações sem destaque, ampliam a história, na medida em que o narrador vai dando explicações, fazendo comentários que contextualizam a sua história no tempo e no espaço. Figura e fundo atuam mutuamente na constituição discursiva; isto se deve ao fato da figura depender do fundo para a sua caracterização.

Associando as noções aspectuais aos planos discursivos, temos as situações que expressam aspecto perfectivo atuando, geralmente, como figura, e as que expressam aspecto imperfectivo atuando como fundo na narrativa. A escolha entre os aspectos perfectivo e imperfectivo está relacionada ao relevo dado pelo falante: o que quer dar destaque ou enfatizar na construção narrativa. Caso tencione focar a atenção (dar relevo) para a situação como um todo, o falante do português dispõe prototipicamente de uma forma verbal específica, o pretérito perfeito, que expressa aspecto perfectivo/figura; caso tencione enfatizar os detalhes, o cenário em que a situação se desenrola, o falante dispõe prototipicamente de forma verbal, o pretérito imperfeito, que expressa aspecto imperfectivo – fundo. O texto opinativo tem configuração temporal distinta (geralmente constituído por formas verbais de tempo presente), sem dispor de mecanismos linguísticos regulares (as formas verbais) para expressar a noção aspectual envolvendo a relação figura/fundo. Porém, mesmo assim, os falantes fazem tal distinção, o que indica a necessidade de mais estudos contemplando a dimensão aspectual e o seu uso em tipos textuais específicos, tal como estamos propondo.

Além da perfectividade, outros valores aspectuais contribuem para o estabelecimento dos planos discursivos: pontualidade [+/- pontual], cinesidade [+/- cinético] e especificidade [+ /-específico] (MARTELOTTA, 1998).

O aspecto pontual está relacionado à situação que ocorre de forma instantânea ou com curta duração. Em contraponto a este, temos o aspecto durativo [- pontual], que se refere à duração expressa pelo verbo na situação.

(2) (...) Depois de um tempo Marlene a mãe das minhas amigas *chegou*, mas nós mentimos para ela que tinha sido o irmão dela que tinha dado um toque no celular (...). (fnp41)

(3) Era uma quarta-feira à noite, por volta das 20: 30hs *estava* eu e minha amiga *batendo* papo na praça (...). (fnp42)

A situação de *chegar*, em (2), apresenta o traço aspectual pontual, uma vez que se trata de uma situação instantânea. Já em (3), a situação de *estava batendo papo* nos remete ao fato de ser necessário um tempo 'x' para que a pessoa possa *bater papo*, visto que não se trata de uma situação instantânea, como cumprimentar alguém com um "bom dia", por exemplo. Trata-se, portanto, de uma situação que expressa o aspecto durativo.

A cinesidade está relacionada à ação ou à não ação da situação. Refere-se ao dinamismo da situação, que consiste em uma propriedade definida a partir da observação dos estados. Uma situação é considerada dinâmica quando há movimento, incremento de energia e vitalidade, como acontece na situação expressa pelo verbo *trabalhar* descrita em (4), que, portanto, apresenta o traço [+ dinâmico / + cinético]. Já uma situação não dinâmica é caracterizada por apresentar um predicado de estado, como ocorre em (5), nas situações expressas pelos verbos *ser* e *acreditar*, as quais não são relativas ao movimento, mas sim ao estado; apresentando o traço [- dinâmico / - cinético].

(4) Eu *trabalhei* em uma sorveteria durante seis meses (...). (fnp43)

(5) Um certo dia meu primo chegou na minha casa falando que um vizinho dele tinha falecido, mas só que *era* o dia da mentira e nós não *acreditamos* porque *era* 1º de abril, mas só que foi verdade (...). (fnd51)

A especificidade aspectual é caracterizada pela determinação ou indeterminação da situação quanto ao tempo, lugar, duração e participantes. Uma situação como (6), que apresenta tempo, lugar, duração e participantes determinados, é caracterizada pelo traço [+ específico], ou seja, por eventos individuais. Já as situações em que o tempo é indefinido, a duração é indefinida, e lugar e participantes não são especificados apresentam o traço [- específico], referindo-se a situações gerais, como (7).

(6) Certo dia de sábado eu e minhas amigas Eveline e Evelaine, nós três *resolvemos ligar* para uma colega que tinha viajado há muito tempo (...). (fnp41)

(7) Bom, quem nunca *mentiu* um dia né, a minha mentira foi quando eu quebrei o quadro da minha vó (...). (mnp47)

Martelotta (1998) associa estes traços aspectuais ao funcionamento dos planos discursivos na narrativa (quadro 1). A marcação dos traços aspectuais nos planos discursivos ocorre de maneira diferenciada - o que é marcado em um não é marcado no outro. O plano da figura é marcado pelos traços positivos e o plano fundo pelos traços negativo.

Quadro 1 – Traços aspectuais na narrativa

Figura	Fundo
+ perfectivo	- perfectivo
+ específico	- específico
+ cinético	- cinético
+ pontual	- pontual

Fonte: MARTELOTTA, 1998.

Analisamos como se dá a correlação destes traços e os planos discursivos no texto opinativo. No entanto, não analisamos os planos discursivos em termos binários, como fez Martelotta (1998), mas sim dentro de um *continuum*. Para tanto, tomamos como ponto de partida os trabalhos realizados por Silveira (1990) e Haido (1996), que abordam os planos de figura e fundo em textos narrativos e opinativos, respectivamente.

2 Planos Discursivos na Narrativa e no Texto de Opinião

Silveira (1990), ao estudar a relevância em narrativas orais, constata que há uma hierarquia de “fundidade”, ou seja, o fundo possui diferenças, havendo os que se aproximam mais da figura e os que se distanciam mais. Sendo possível dar um tratamento escalar ao plano discursivo fundo, distribuiu-o em cinco níveis/ graus de fundidade. O primeiro grau de fundidade caracterizado por Silveira (1990) refere-se às orações de fundo que possuem maior proximidade com o plano da figura por apresentar informações concretas sobre o evento. Neste nível, encaixam-se as orações que fazem a: i)

apresentação do evento ao situar o ouvinte sobre a história que vai ser relatada, antecipando, muitas vezes, o fato que vai ocorrer, ou seja, resumem o que vai ser relatado; ii) apresentação do cenário ao situar o palco da história; iii) apresentação dos participantes da narrativa e, em alguns casos, depois de ter sido iniciada a narrativa, o falante acrescenta alguns detalhes a respeito destes personagens; e iv) apresentação da fala dos participantes por meio do discurso direto, ou seja, a fala real do personagem.

(8) *A minha maior mentira foi há dois anos atrás eu tinha duas namoradas e enganava as duas ao mesmo tempo, um final de semana eu ia para a casa da outra, e assim passei um ano nessa enrolação, uma dizia venha para a minha casa e a outra também aí eu tinha que dizer a uma delas que não podia porque era longe, e já na casa da outra, mas por elas morarem em cidades diferentes nuca imaginei que elas iriam descobrir, mas como toda mentira tem perna curta a minha já tava perto de acabar em uma festa elas me viram e as duas estavam juntas eram amigas só que não estavam sosinhas e não tavam com migo então levei gaia das duas ao mesmo tempo e elas descobriram que eu enganava elas eu descobri que não era só eu que mentia. Hoje não e 1º de abril mais contei essa mentira para vocês. (mnd58)*

Em (8), o autor se vale de orações que apresentam informações concretas do evento. Primeiramente este faz uma apresentação da história, comum resumo. Em seguida, utiliza uma oração que apresenta a fala da personagem. Ao afirmar que sua mentira está perto de acabar, o autor antecipa um fato que ainda vai ocorrer e, por último, se vale de uma oração que traz informações sobre os participantes. Tais orações apresentam grau 1 de fundidade.

O segundo grau de fundidade, em (9), refere-se às orações que especificam o âmbito em que os fatos se deram por meio de circunstâncias como as de tempo, modo e finalidade.

(9) *Estava no colégio, quando resolvi esconder o caderno de uma colega, então peguei o caderno e escondi na minha bolsa e sai da sala, quando vi ela entrando na sala, entrei também e sentei na minha carteira então foi quando ela percebeu que seu caderno não estava ali (...). (fnd52)*

O terceiro grau de fundidade, em (10), refere-se às orações que especificam a oração anterior, ampliando sua informação, através da

especificação dos referentes por meio das orações adjetivas; e especificação de processo-ação por meio das orações que complementam o verbo da oração anterior.

(10) Certo dia de sábado eu e minhas amigas Eveline e Evelaine, *nós três resolvemos ligar para uma colega que tinha viajado há muito tempo (...)*. (fnp41)

O quarto grau, em (11), refere-se às orações de fundo que especificam relações inferidas dos fatos narrados através de: i) especificação de causa em que o falante adiciona informações suplementares no momento em que relata a causa de um fato; ii) especificação de consequência em que também há uma adição de informações suplementares, porém esta se dá quando o falante apresenta as consequências de um fato; e iii) especificação de adversidade em que há apresentação de um fato adverso ao que foi narrado anteriormente.

(11) Hoje vou fazer o vestibular novamente, *mas dessa vez escolhi um curso que me identifico e não fui por indicação de ninguém (...)*. (fns72)

O quinto grau, em (12), refere-se às orações de fundo que apresentam interferências do falante no evento que está narrando através de: i) apresentação de opinião em que o falante interrompe a narrativa e expressa a sua opinião a respeito do que está sendo relatado; ii) apresentação de resumo após a sequência de fatos ter sido apresentada, o falante resume o que estava relatando; iii) apresentação de dúvida em que o narrador hesita ao relatar um fato já acabado; iv) apresentação de conclusão após a apresentação de uma sequência de fatos, o falante encerra o que estava sendo relatado; e v) apresentação de canal quando o falante tenta atrair a atenção do ouvinte para o que estava sendo relatado, podendo fazê-lo formulando uma pergunta, o que envolve o ouvinte no relato da história.

(12) Quando foi um dia eu estava na minha casa jogando vídeo-game mais ele e nisso a gente começou a falar sobre esse dia da queda e de repente minha mãe ia chegando e ouviu a gente conversando e ela ouviu toda verdade e com isso ela ficou muito brava e chingou nós dois. *Com isso eu aprendi que mentira não leva a lugar nenhum e é como diz o ditado mentira tem pernas curtas, ou seja, um dia ou outro ela vai ser descoberta.* (mnd56)

Alguns autores enfatizam que a distinção entre figura e fundo só se aplica em textos narrativos. No entanto, autores como Haido, (1996); Martelotta, (1998); Nascimento, (2009), entre outros, têm sugerido a possibilidade de se estender a análise do comportamento dos planos discursivos a outros tipos de textos. Martelotta (1998) apresenta uma proposta prática de análise dos planos discursivos em narrativa, relato de procedimento, relato de opinião e descrição de local. Dado aos propósitos do presente estudo, explanamos apenas a proposta de análise referente ao relato de opinião.

Para Haido (1996), um texto opinativo/retrato de opinião é constituído por opiniões as quais são sustentadas, logicamente, por fatos e argumentos. Aplicando o princípio dos planos discursivos ao texto opinativo, as opiniões propriamente ditas do autor constituem-se como a figura deste tipo de texto e os argumentos como o fundo. Neste tipo de texto temos a figura constituída por orações que codificam as ideias básicas defendidas pelo autor. Já o fundo é constituído pelas orações que servem de apoio às ideias defendidas em figura.

(13) *Na minha opinião sobre o enem (ENEM), é que não vai facilitar o nosso estudo, porque em primeiro lugar o seriado que tinha todas os anos para o ensino médio facilitava bastante, porque o assunto seriado, era o assunto que tínhamos abordado no mesmo ano que teríamos estudado isso facilitava porque ficava fácil de lembra do assunto. E sem o seriado fica difícil porque, é uma coisa para lembrar durante 3 anos estudando, e numa só priva abordar o assunto do 1º, 2º, 3º ano, fica complicado. Exatamente se cada ano que estudase mas e fizesse uma prova, facilitava bastante, no 1º e 2º conhecemos assunto novos e no 3º ano abordamos tudo o que vimos até o 2º ano, no 3º não se alembramos de tudo, o que estudamos, para fazer uma única é bastante difícil. (fop7)*

Em (13), o autor apresenta a sua opinião sobre a mudança do sistema de ingresso na Universidade Federal de Sergipe. Os trechos destacados são orações que expressam a opinião propriamente dita do informante, caracterizando-se, assim, como figura. Já as orações não destacadas são chamadas de fundo, as quais dão sustentação às orações em figura ao servirem como argumento ou justificativa para estas. Assim como ocorre na narrativa, é possível identificar também tipos de fundo no texto opinativo. Haido (1996) propõe cinco tipos de fundo, a saber: fundo de justificativa, fundo de exemplificação ou testemunho, fundo de contextualização, fundo de modalização e fundo de digressão.

O fundo de justificativa, em (14), refere-se às orações que introduzem uma justificativa para a ideia defendida em figura, servindo de suporte imediato para esta. As orações deste tipo de fundo são marcadas formalmente por operadores argumentativos (*porque, por isso, etc.*) (HAIDO, 1996).

(14) O Enem de certa forma beneficiara alguns alunos, claro que existem alunos que escolheriam o próprio vestibular, na minha opinião a inclusão do Enem beneficiara aos alunos, *porque o uso de varias disciplinas em uma prova ajudará ao aluno ser aprovado.* (fod17)

Em fundo de exemplificação ou testemunho estão as cláusulas que servem de suporte intermediário à ideia defendida em figura e constituem-se de dados armazenados pelo falante para reforçar a defesa de suas ideias (HAIDO, 1996). A marcação formal deste tipo de fundo ocorre por meio de ilustrações introduzidas na argumentação através da locução *por exemplo* ou por inserção de julgamentos de outras pessoas em favor da ideia defendida. Dessa forma, o autor do texto, além de justificar a sua opinião, apresenta um exemplo que elucida esta ou o testemunho de outra pessoa; como em (15).

(15) Eu acho que assim será, melhor para alguns e pessimo para os outros. Por que de acordo com as novas medidas, as notas sevirão para o próximo ano de acordo com o que passou. *Por exemplo a inscrição sera de // R\$ 30,00 reais e a taxa da (UFS) é de 15 por mês.* Eu concordo com essa medida (...). (mop1)

O fundo de contextualização, em (16), é caracterizado por apresentar orações que contextualizam física e temporalmente a fala. Já o fundo de modalização, em (17), é caracterizado pelas orações em que o autor do texto indica, através de elementos linguísticos a sua atitude em relação ao enunciado que produz.

(16) *Muitos alunos quando vão fazer o vestibular, antes mesmo já ficam nervosos, porque imaginam que não deve ser fácil.* (fot27)

(17) Bom, na minha opinião, como já está citado no texto, há aspectos negativos e positivos com relação a UFS querer adotar o ENEM como exame seletivo, para que os alunos possam ingressar na mesma. Entre suas

vantagens, *creio que para mim é uma forma mais viável e digamos que mais fácil para ingressar na faculdade (...)*. (mop2)

O fundo de digressão se refere às orações que mais se distanciam das ideias básicas defendidas na figura; trata-se das orações dos momentos em que o informante/falante interrompe a sua argumentação e passa a narrar ou apresenta um resumo ao concluir o texto, como em (18).

(18) Entendo também que a concorrência aumentará sem sombra de dúvida por inúmeros motivos que acho que não precisam ser ditos e sim vistos, na prática. *É, portanto, através destes argumentos que descrevo a minha opinião em relação ao ENEM.* (mod12)

Apresentados os estudos que dão suporte a esta investigação, analisamos os padrões de distribuição do plano discursivo fundo – primeiro nos textos narrativos e depois nos textos opinativos – quanto ao aspecto e as formas verbais.

3 O Funcionamento do Plano Discursivo Fundo na Narrativa

Controlamos os graus de fundidade da narrativa conforme proposta de Silveira (1990), verificando se esta se aplica à categoria aspecto com uma pequena adaptação: dos cinco tipos de fundo apresentados unimos o grau 3 ao grau 4. O plano figura corresponde a 191 das 442 ocorrências dos planos discursivos nas narrativas, já o plano fundo corresponde a 251 ocorrências, resultado que conflui com a perspectiva apresentada por Givón (2011, p. 208 – grifos do autor), de que

Provavelmente está longe de ser acidental que, no âmago da oposição figura-fundo, esteja um princípio *probabilístico* simples: o *fundo* é um fenômeno com mais de 50% de ocorrência, a *figura* está abaixo de 50%. Dado um universo hipotético com uma única distinção binária, ter um sistema perceptual calibrado em um nível tal que a frequência de presença ou ausência dessa propriedade única seja exatamente 50% seria o equivalente biológico de não ter absolutamente nenhum sistema perceptual. Isso se dá porque, quando calibrado em tal nível, o sistema fornece resultados que não transcendem a *ordem fortuita*.

As ocorrências do plano discursivo fundo na narrativa distribuíram-se nos quatro graus de fundidade, cotejadas à forma verbal e aos traços aspectuais (quadro 2).

Quadro 2 – Distribuição das frequências por tipos de fundo na narrativa³

		Figura	Fundo				Total
			Grau 1	Grau 2	Grau 3	Grau 4	
Forma verbal	Presente	3	15	0	5	16	36
	Preterito imperfeito	0	55	16	21	1	93
	Preterito perfeito	181	25	21	16	12	74
	Outras formas	7	21	8	18	1	48
Perfectividade	+ perfectivo	189	26	22	14	15	77
	- perfectivo	2	90	23	46	15	174
Especificidade	+ específico	181	91	41	48	16	196
	- específico	10	25	4	12	14	55
Cinese	+ cinético	170	56	22	19	10	107
	- cinético	21	60	23	41	20	154
Pontualidade	+ pontual	161	22	19	21	11	72
	- pontual	30	94	26	39	19	179
Total		191	116	45	60	30	442

Quanto à forma verbal, os resultados apontam que o pretérito imperfeito é a forma mais recorrente, corroborando com Azevedo (2006) e Campos, Rodrigues e Galembeck (2003). Das 93 ocorrências 55 concentram-se no fundo de grau 1; a forma verbal presente corresponde a 36 ocorrências, sendo mais recorrente em contextos de fundo de grau 1 e grau 4, com 15 e 16 casos, respectivamente. Sua alta recorrência no fundo de grau 4 pode ser justificada por este grau corresponder à parte do texto narrativo em que o narrador faz uma avaliação ou apresenta a opinião de outra pessoa em relação aos fatos narrados; trata-se do fundo de digressão, o que provavelmente favorece seu uso em tal contexto. As demais formas verbais (48 ocorrências no plano fundo) se distribuíram em todos os tipos de fundo, tendo uma maior recorrência no grau 1 e grau 3 com, respectivamente, 21 e 18 ocorrências.

³ Por uma questão de espaço, não discutimos os dados relativos à figura: o traço aspectual pontualidade é o que caracteriza o plano de figura em narrativas, com forma verbal de pretérito perfeito e traços aspectuais positivos.

Quanto aos traços aspectuais, temos por hipótese que, na narrativa, há gradualidade aspectual no fundo, associada aos traços aspectuais negativos. A maioria dos tipos de fundo na narrativa está correlacionada ao traço [- perfectivo], com exceção do grau 4. As 30 ocorrências de fundo de grau 4 se subdividiram igualmente entre os traços [+/- perfectivo], sugerindo que o traço não influencia no estabelecimento deste tipo de fundo na narrativa. Apesar de a maioria das ocorrências de fundo de grau 2 apresentar o traço [- perfectivo], não podemos afirmar que esse traço aspectual está correlacionado a este tipo de fundo, uma vez que essa maioria é estabelecida com apenas uma ocorrência a mais; no caso dos graus 1 e 3, os resultados evidenciam que estes estão fortemente correlacionados ao traço aspectual [- perfectivo], apresentando, 90 e 46 ocorrências, respectivamente. Ainda conforme a tabela 1, quanto à especificidade, observa-se que todos obtiveram na análise um maior número de ocorrências correlacionadas ao traço [+ específico]; apenas o fundo de grau 4 apresenta diferença mínima entre a quantidade de contextos com os traços [+/- específico], apresentando, respectivamente, 16 e 14 ocorrências, o que se justifica pelo fato do grau 4 ser aquele que mais se distancia da figura, permitindo mais generalizações. Assim como ocorreu com o traço perfectividade, há gradualidade aspectual, também, na correlação entre o traço especificidade e os tipos de fundo, só que neste contexto, de maneira mais acentuada.

Quanto à cinese, os resultados evidenciam que o fundo é marcado pelo traço [- cinético]: há um maior número de contextos de fundo com verbos de não ação, diferindo-se, assim, do plano da figura. É importante destacar que nos graus 1 e 2 o número de ocorrências de contextos com os traços [+/- cinético] é muito próximo, existindo, portanto, fraca correlação entre estes tipos de fundo e o aspecto cinese. Novamente, os resultados apontam para uma gradualidade aspectual no fundo.

Quanto à pontualidade, o fundo está correlacionado ao traço [- pontual]. Tal resultado reflete o obtido no controle das formas verbais, em que se constatou predomínio do pretérito imperfeito neste plano discursivo, uma vez que esta forma foca o desenvolvimento da situação em sua duração, apresentando, o traço aspectual [- pontual]. Todos os tipos de fundo foram correlacionados ao traço [- pontual]. No fundo de grau 1 houve a predominância do traço aspectual [- pontual] e apenas 22 ocorrências com o traço [+ pontual]. Também quanto à pontualidade, o fundo na narrativa apresenta comportamento gradual.

Em suma, o plano fundo, na narrativa, apresenta comportamento gradual quanto aos traços aspectuais negativos à exceção do traço especificidade, que é marcado positivamente.

4 O Funcionamento do Plano Discursivo Fundo em Textos Opinativos

Para a análise do funcionamento dos planos discursivos em textos opinativos, tomamos como base a proposta de Haido (1996), que, assim como faz Silveira (1990) na narrativa, não trabalha no texto opinativo com a oposição binária figura vs. fundo, propondo cinco tipos de fundo. Por opções metodológicas, trabalhamos apenas com quatro tipos de fundo: justificativa; exemplificação; contextualização ou modalização; e digressão, com objetivo de: i) averiguar se esta proposta tipológica se distribui gradualmente no texto opinativo; e ii) quais traços aspectuais estão correlacionados ao plano fundo neste tipo de texto (quadro 3).

Quadro 3 – Distribuição das frequências por tipos de fundo nos textos de opinião

		Figura	Fundo				Total
			Fundo de justificativa	Fundo de exemplificação	Fundo de cont./mod.	Fundo de digressão	
Forma verbal	Presente	40	38	2	7	7	54
	Futuro do presente	22	16	2	3	1	22
	Pretérito imperfeito	6	6	0	0	0	6
	Outras formas	4	7	3	6	2	18
Perfectividade	+ perfectivo	59	7	1	2	5	15
	- perfectivo	13	60	6	14	5	85
Especificidade	+ específico	45	42	6	7	2	57
	- específico	27	25	1	9	8	43
Cinese	+ cinético	12	18	1	4	4	27
	- cinético	60	49	6	12	6	73
Pontualidade	+ pontual	27	13	0	6	5	24
	- pontual	45	54	7	10	5	76
Total		72	67	7	16	10	172

Foram identificadas 172 ocorrências dos planos discursivos figura e fundo nos 16 textos opinativos analisados. Os resultados evidenciam que a

categoria aspecto não apresenta influência na distinção entre figura e fundo neste tipo textual, como ocorre no texto narrativo, com exceção apenas do fundo de digressão, em que foi verificada diferença aspectual ao apresentar traço aspectual [- específico], diferentemente do plano figura que apresentou o traço [+ específico].

Assim como nos textos narrativos, houve um maior número de ocorrências do plano discursivo fundo, com 72 ocorrências de figura e 100 de fundo, corroborando, também, a premissa de Givón (2011) de que há, em um texto, mais fundo do que figura. O fundo de justificativa é o que mais se aproxima do plano da figura no texto opinativo, servindo de suporte imediato. Este foi o tipo de fundo que apresentou o maior número de ocorrências na amostra analisada, com 67 ocorrências. O fundo de contextualização/modalização foi o segundo mais recorrente, com 16 ocorrências. Tais resultados sugerem que o fundo no texto opinativo não se comporta de modo gradual, a exemplo do que ocorreu na narrativa. Isso porque no texto opinativo encontramos uma discrepância entre a distribuição do fundo de justificativa e os demais tipos de fundo. Uma justificativa para tais resultados é o fato de termos obtido, de modo geral, poucas ocorrências dos outros tipos de fundo na amostra analisada. Para obtermos resultados mais significativos/sistematizados – e, portanto, mais seguros – faz-se necessário realizar um estudo com uma amostra maior.

Quanto às formas verbais, nos textos opinativos, destaca-se o predomínio do presente. Cotejadas aos tipos de fundo, há maior recorrência de fundo de justificativa com a forma presente, 38 casos e, em seguida, com a forma de futuro do pretérito. Possivelmente, isso se deve ao fato deste tipo de fundo ser o mais próximo da figura, que obteve também maior número de ocorrências com estas formas verbais. O fundo de exemplificação só não ocorreu com a forma verbal pretérito imperfeito e, com as outras formas verbais, o número de ocorrências foi muito próximo em virtude, provavelmente, do baixo número de ocorrências deste tipo de fundo. O fundo de digressão também apresenta correlação com a forma verbal presente.

A correlação da categoria aspecto ao plano discursivo fundo no texto opinativo aponta que em todos os tipos de fundo houve, predominantemente, maior número de ocorrências do traço [- perfectivo], com exceção do fundo de digressão, em que o número de ocorrências com o traço [+ perfectivo] se equiparou ao de [- perfectivo]. Os resultados evidenciam que não há gradualidade aspectual quanto à perfectividade no plano discursivo fundo no texto opinativo.

Quanto à especificidade, o fundo em textos opinativos apresenta a seguinte distribuição: i) o fundo de justificativa está correlacionado ao traço [+ específico], 42 das 67 ocorrências; ii) o mesmo ocorre com o fundo de exemplificação, com 6 das 7 ocorrências deste tipo de fundo. Já o fundo de contextualização/modalização e o de fundo de digressão foram correlacionados ao traço [- específico]: o primeiro computa 9 das 16 ocorrências com este traço; o segundo computa 8 das 10 ocorrências. Assim como ocorreu com o traço aspectual perfectividade, os resultados evidenciam que, quanto à especificidade, o fundo no texto opinativo também não é gradual, dado que a distribuição das ocorrências não apresenta tendência de polarização.

Quanto à cinesia, das 100 ocorrências do plano discursivo fundo, 73 são [- cinéticas]. A distribuição das ocorrências em relação aos tipos de fundo no texto opinativo está correlacionada predominantemente, ao traço [- cinético] no *corpus* analisado. Não houve também gradualidade quanto a este traço aspectual no plano discursivo fundo, conforme a tabela 2.

Quanto à pontualidade e o plano discursivo fundo no texto opinativo, observamos que o traço [- pontual] predomina. Este resultado coincide com o obtido quanto ao controle das formas verbais, com o predomínio de formas imperfectivas – presente, futuro do presente e pretérito imperfeito. Cotejado aos tipos de fundo, o traço [- pontual] apresenta distribuição equilibrada, com exceção do fundo de digressão, em que o número de ocorrências com o traço [+ pontual] se igualou ao de [- pontual], da mesma forma que ocorreu quanto ao traço perfectividade. O fundo de exemplificação foi categoricamente correlacionado ao traço [- pontual]. Os resultados, na amostra analisada, sugerem também que não há gradualidade aspectual quanto ao traço pontualidade no fundo.

Em suma, a distribuição dos traços aspectuais no texto opinativo não apresenta padrão sistemático de ocorrência, sugerindo que esta categoria não influencia na sua codificação. Além disso, o traço especificidade, assim como aconteceu no plano fundo dos textos narrativos, também foi marcado positivamente no plano fundo de textos opinativos, sugerindo a necessidade de refinamento da categoria.

Considerações Finais

A análise do funcionamento do plano discursivo fundo em textos narrativos e opinativos de registro escrito aponta que, apesar de no texto

narrativo ser possível correlacionar aspecto e plano discursivo, não é possível estender a correlação ao texto opinativo, pois os resultados evidenciaram que o aspecto não apresentou influência na distinção entre figura e fundo, nem apresentou gradualidade nos tipos de fundo. O único tipo de fundo nos textos opinativos que apresenta característica aspectual distintiva é o fundo de digressão. Verificamos que, nos textos narrativos, a gradualidade dos traços aspectuais se faz presente. Entretanto, não podemos dizer o mesmo dos textos opinativos: o aspecto não atua como traço caracterizador dos planos discursivos neste tipo de texto. Ressaltamos ainda que o traço aspectual especificidade no texto narrativo apresentou comportamento positivo tanto em fundo como em figura, contrariando a hipótese de Martelotta (1998). Faz-se necessário refinar o controle deste traço e expandir o controle de traços para a distinção entre figura e fundo no texto opinativo.

Como contribuição para o ensino de língua portuguesa, o presente estudo pode subsidiar propostas para ações de ensino que considerem os usos gramaticais e seus efeitos discursivos, notadamente na área de produção textual, uma vez que a relação estabelecida entre os planos discursivos está intimamente relacionada à coesão e à coerência. Além disso, o conhecimento por parte do professor – não só de língua portuguesa, como também de outras áreas – da relação figura e fundo, existente em um texto, é essencial, já que, tendo conhecimento de tais noções, poderá fazer a escolha de um texto de forma mais adequada, de acordo com o perfil dos estudantes; já que a distribuição de figura ou fundo pode aumentar ou não o grau de complexidade/processamento das informações contidas em um texto.

Esperamos ter contribuído para uma melhor compreensão dos planos discursivos, principalmente em textos opinativos, apontando que há necessidade de aprofundamento e de uma melhor sistematização sobre esse tipo de relação.

Referências

ARAUJO, A. S. *O funcionamento dos planos discursivos em textos narrativos e opinativos: um estudo da atuação do domínio aspectual*. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão. 2011.

BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge University Press, 2010.

CAMPOS, O. A. S.; GALEMBECK, P. T. Tempos verbais: uma abordagem funcionalista. *Alfa*, São Paulo, v. 38, p. 57-74, 1994.

CAMPOS, O. A. S.; RODRIGUES, A. S.; GALEMBECK, P. T. A flexão modo-temporal do português culto do Brasil: formas de pretérito perfeito e imperfeito do indicativo. In: CASTILHO, A.; BASÍLIO, M. (Orgs.). *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 31-71.

CUNHA, M. A. F. da; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M.. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, M. A. F. da; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. (Orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 29-55.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GIVÓN, T. *Syntax: an introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

GIVÓN, T. *Compreendendo a gramática*. Trad. CUNHA, M. A. F.; MARTELOTTA, M. E.; ALBANI, F. Natal: EDUFRN, 2011 [1984].

HAIDO, T. M. C. *A reorganização discursiva em entrevistas jornalísticas*. 1996. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1996.

HOPPER, P. Aspect and foregrounding in discourse. *Syntax and Semantics*, v. 12, p. 213-241, 1979.

HOPPER, P.; THOMPSON, S. Transitivity, clause structure and argument structure: evidence from conversation. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. (Eds.). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 27-60.

MARTELOTTA, M. E. *Figura e fundo - uma proposta prática de análise*. Manuscrito. 1998.

NASCIMENTO, S. B. N. *Transitividade verbal e planos discursivos: um estudo funcionalista da hipotaxe adverbial causal em elocuições formais*. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá. 2009.

SILVEIRA, E. S. *Relevância em narrativas orais*. 1990. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1990.

TRAVAGLIA, L. C. O relevo no português falado: tipos e estratégias, processos e recursos. In: NEVES, M. H. M. (Org.). *Gramática do português falado*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1999. p. 77-130.

WEINRICH, H. *Estructura y función de los tiempos em el lenguaje*. Madrid: Gredos, 1968.